



1/11

100

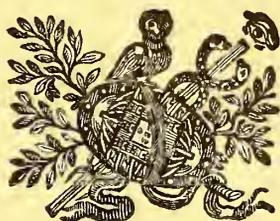
A PRIMAVERA.

CANTATA

POR

FRANCISCO VILLELA BARBOSA.

*Impressa no Tomo VI Parte 1 das Memorias da Academia  
das Sciencias de Lisboa em 1819.*



LISBOA

NA TYPOGRAFIA DA MESMA ACADEMIA.

1821.



( 1 )

---

DISCURSO HISTORICO (\*)

RECITADO

NA SESSÃO PUBLICA

DA

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

DE LISBOA

NO DIA 24 DE JUNHO DE 1821

PELO VICE-SECRETARIO

FRANCISCO VILLELA BARBOSA.

---

**S**ENHORES: *Eu vejo a Viuva de Carneades*, exclamou Cicerone, vendo em Athenas a Cadeira, donde aquelle Philosopho dictava as suas lições. Tal a imagem, que esta hoje representa, despertando a nossa saudade, por quem tam dignamente,

---

(\*) Impresso no Tomo VIII. Parte I. das *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa.*

te, e mais de uma vez a desposára neste dia solemne entre applausos e admirações. Sim, illustres e sabios Academicos, outro era o orgão, pelo qual a Academia Real das Sciencias devia dar-vos conta de seus trabalhos e progressos desde a ultima Sessão publica. Cabia a mais digno Annalista de seus feitos scientificos, o Sñr. Sebastião Francisco de Mendo Trigoso, nosso Secretario, tecer-lhes o elogio historico, e pôr com elle o remate ao quadro annual das nossas tarefas litterarias. Mas a grave infirmitade, que tanto o atormentou nos ultimos tempos de vida, acabou por privar para sempre a Academia de um dos seus melhores ornamentos, cobrindo-a de magoa e lucto, que todavia he hoje forçoso alliviar em veneração deste fausto dia. Cumpre por tanto pelo dever que me impoz a Academia com o titulo de Vice-Secretario, que seja eu o Orador da sua festividade publica. O cargo he por certo muito honroso, mas a empresa ardua e difficil. Que talentos não são precisos, que poder de eloquencia, para que estando ainda fresca e viva a ferida em nossos corações, vos faça esquecer da grande falta que sentimos! Ainda retinnem em nossos ouvidos os echos do ingenho e da erudição! Mas enfim se me não he dado desempenhar, como desejo, tam importante assumpto, pelo menos cuidarei de não cançar as vossas attentões; e comtudo serei, se não panegyrista, fiel e exacto historiador das fadigas academicas. Apresentar-vos-hei sem flores, que dellas não hão mister, fructos preciosos, plantados e colhidos neste anno por distinctos colaboradores no vasto terreno das sciencias, que cultivamos.

Seguindo a ordem chronologica das nossas Assembleas particulares, e bem assim a das Classes que compõem esta Corporação, principiarei referindo-vos que logo na Sessão de 28 de Junho passado, a qual abriu o anno academico que hoje finaliza, nos estreou o nosso Consocio o Sñr. Constantino Botelho de Lacerda Lobo com uma *Memoria dcerca*

ca do modo mais conveniente de applicar o calorico para aquentar os vasos que contém diferentes liquidos. Esta obra, pela importancia e utilidade da materia, he mais um testemunho do muito saber e fervor, com que o Sñr. Constantino Botelho procurou sempre augmentar o thesouro dos conhecimentos uteis. E porém bem quizera eu, por não abrir nova magoa em vossos corações, occultar-vos, que foi este o ultimo tributo que pagou á Academia tão insigne Varão; pois tambem a morte o levou com grande perda nossa e da Universidade onde era Professor, havendo sido incançavel no estudo das sciencias physicas e suas applicações, que illustrou e enriqueceu com trabalhos e Memorias.

Recebémos do Sñr. Joaquim Baptista, Medico em Vouzela, nosso Correspondente, algumas addições á sua *Memoria sobre o encanamento e navegação do rio Vouga*, a qual se havia lido na Sessão publica passada, e se julgou muito digna de apparecer em as nossas Collecções.

O Sñr. Friderico Luiz Guilherme Varnhagen, Tenente Coronel do Real Corpo de Engenheiros, remetteu-nos do Brazil uma breve Memoria, a qual contém a descripção geognostica da montanha de Arassoiaba na Provincia de São Paulo, e o principio da historia das fabricas de ferro alli estabelecidas, das quaes he director. Ja no anno antecedente o Sñr. Roque Schuch, Bibliothecario da Serenissima Senhora Princeza Real do Reino Unido de Portugal, Brazil, e Algarves; nos havia feito igual presente, de que se vos deu conta neste mesmo dia, com a descripção e analyse da rica mina de ferro descoberta juncto a Itaubira do Campo na Provincia de Minas-Geraes. Segundo a conta do Sñr. Varnhagen, trabalhando alternativamente dous fornos altos, produziu cada um delles por mez 2400 arrobas de ferro. Donde se vê quam ricos somos tambem neste mineral, e quam grandes progressos e vantagens nos promettem nesta parte da metallurgia os trabalhos montanisticos em tam vastos territorios. Com effeito, so a ignorancia e desmazelo, com que as nossas couzas erão tractadas, ou talvez errada

politica , podia obrigar-nos a sair fóra para mendigar o que tinhamos em casa em abundancia e de sobejo. Do monte de Maracoiaba , juncto á Villa de Sorocába naquelle mesmo districto , dizia o nosso escriptor Rocha Pita na sua historia da America , que tinha as entranhas de ferro : e nem era de suppor , que a natureza liberal em tantas preciosidades para com aquelle abençoado paiz , so fosse escassa em conceder-lhe o mais util de todos os mineraes , o ferro , tam necessario em tudo á vida , até nos usos funestos , que delle fez a perversidade humana , depois que o ouro , seu tyrannico irmão , filho do luxo e da terra , o estendeu em alge-mas e grilhões , o aguçou em espadas e baionetas , e o fundiu em balas e canhões , para instrumentos da tyrannia , de crimes , e da morte.

Porém , Senhores , se uns escavando o seio da mãi terra , descem a pesquiszar-lhe as entranhas , esse laboratorio immenso , onde se operão ao mesmo tempo tantas preparações , tantas combinações , e tantos phenomenos ; e vão catar , para assim dizer , até na habitação dos Manes os perigosos metaes , fonte de bens e de males ; outros , encantados com a belleza das plantas que lhe adornão a superficie , encontrão nella , a cada passo , mais seguro e ameno campo de instrucção e recreio ; e contribuem com as suas observações e estudos , a meu ver , de melhor sorte para o bem da humanidade.

Neste intento , o Sñr. Marquez de Ponte de Lima , propondo-se dar á Academia uns Elementos de Botanica em que trabalha , e que desde ja ella acceita agradecida , offereceu-nos como preludio uma breve e excellente *Memoria ácerca do que seja Botanica , e do como se deva estudar* : bem certo de que dependendo essencialmente o meio de colher com brevidade fructos bons e maduros em qualquer sciencia de se prescrever o methodo de estudala , he este o verdadeiro fio no labyrintho da Botanica.

Possuido dos mesmos desejos de ser util á humanidade e á patria , e neste mesmo ramo das sciencias da natu-

reza, nos apresentou o Sñr. Jeronymo Joaquim de Figueiredo, Lente de Medicina na Universidade de Coimbra, o 1.º Caderno ja impresso da sua *Flora Pharmaceutica Portugueza*. Conhecendo elle por experiencia ser muito pequeno o numero dos simplices vegetaes portuguezes, que se achão nas nossas boticas, em comparação dos muitos de prodigiosas virtudes, que ou são indigenas de Portugal, ou ja naturalizados, buscou por esta fórma dar aos Boticarios, e aos Professores de Medicina um meio, que habilita os primeiros a terem provimentos de plantas medicinaes de Portugal, e os segundos a poderem applicar aos seus doentes muitas drogas, que até á publicação da *Flora Lusitana* do nosso Consocio o Sñr. Brotero não podião conhecer em Portugal.

As observações em Medicina, quaesquer que ellas se jão, devem sempre respeitar-se como da maior utilidade e importancia para a humanidade afflicta. Foi pois recebida com grande apreço uma carta do Sñr. Francisco da Silva de Figueiredo Fragoso, Prior de Pera boa, na qual dando conta de felices resultados que tem obtido, nas tosses principalmente as convulsivas, com a applicação do cha da flor da labaga grande, ou labação (*Rumex aquaticus de Lin.*), o recommenda como remedio efficacissimo contra esta casta de infirmitades. Por tanto seria muito para estimar, que os Professores da Arte quizessem verificalo.

O Sñr. Antonio Feliciano de Albergaria Bitancourt, Ouvidor do Rio Negro, continuou a lembrar-se da nossa Academia, remettendo-nos por mão do Sñr. Alexandre Antonio das Neves uma porção de quina em casca, e em pó, que o celebre Botanico Alemão, o Doutor Marcio, acabava de descobrir em diversos logares do Amazonas, e caracterizava por superior em qualidades e virtudes medicinaes, não so á que se cria em Mato Grosso, mas á que vem do Perú. Esperamos que a analyse comparativa, de que forão incumbidos os Senhores Alexandre Antonio Vandelli, Joaquim Xavier da Silva, e Wencesláo Anselmo Soares, abone as observações daquelle Naturalista.

Lcu

Leu o Socio effectivo, o Sñr. José Maria Soares, um *Projecto de Systema de Empregados relativos á saude publica*. Como porém se propozesse a offercelo ao Soberano Congresso da Nação Portugueza, não deixou logar á Academia para interpor o seu juizo ácerca do merecimento deste trabalho.

O Sñr. Antonio Lobo de Barbosa Ferreira Teixeira Gyrão, cujos conhecimentos agronomicos são bem notorios, mimozeou-nos com uma interessante Memoria, acompanhada do desenho de uma machina de sua invenção para pisar as uvas no lagar, e fazer o mosto. Esta Memoria consta de duas partes. Na primeira dá o Author a descripção da machina, e explica o seu uso. Na segunda, depois de algumas advertencias ácerca deste, mostra as grandes vantagens que d'elle resultão, e as quaes abona com a propria experiencia: não so porque aperfeiçoa, e simplifica o trabalho de pisar e esmagar perfeitamente as uvas no lagar; mas porque executado assim este trabalho, concorre para melhorar a qualidade dos vinhos, e economiza a despesa. No parecer pois de Juizes da Academia intelligentes e versados na materia, fez o Sñr. Gyrão grande serviço á Agricultura e ás Artes, tornando mais simples e proficuo o fabrico de um genero do maior trafego, e o mais importante da nossa lavoura e commercio.

Não merecem unicamente as obras originaes a nossa attenção. Tambem são dignas de apreço as boas traducções. Ellas não so acreditão seus Authores, como até augmentão a reputação daquelles, que além de trabalhos proprios com que enriquecem as Sciencias e as Artes, procurão ainda por esta fórma dilatar a sphaera da publica instrucção; á similhaça desses grandes rios, que empenhados em pagar ao Oceano copiosos tributos, levão em suas aguas as de extranhos regatos, sem que por isso percão nome, antes com ellas engrossão e crescem em fama. Assim o Sñr. Rodrigo Ferreira da Costa, de quem ja possuímos bastantes documentos de zelo patriotico pelas Lettras e boas Artes,

tes, excitado com a leitura da Memoria do Sñr. Gyrão, offereceu á Academia, entre outras producções de seu proprio cabedal, a traducção das *Observações Chymicas* do Sñr. Manuel Ignacio de Sampaio *ácerca dos processos que convem praticar-se no fabrico do vinho tincto*: Memoria escripta em francez, e incluída no Tom. XXIX. dos *Annaes de Agricultura franceza*. Com effeito cumpria, que se vulgarizasse entre nós tam interessante trabalho, revindicando-o como nascido em solo portuguez; postoque filho deslebrado da patria, deixou os ricos trajos da lingua mãi para vestir os alhêos, e habitar casa estrangeira.

Bem quizera tambem dar-vos conta da analyse chymica das aguas thermaes de Cabeço de Vide, da qual a Academia incumbira os seus dignos Correspondentes os Senhores Francisco Xavier de Almeida Pimenta, Medico no Sardoal, e Thomé Rodrigues Sobral, Lente na Universidade de Coimbra. E por ventura conseguíra apresentar-vos hoje os mais felices resultados daquella analyse, se a nova serie de acontecimentos politicos que occorrêrão, chamando a mais alto destino o Sñr. Doutor Sobral, de cuja consummada pericia esperava a Academia o desempenho de tam difficil processo, não suspendesse por agora a sua continuacão, ja em parte adiantado pelas fadigas do Sñr. Pimenta, que de bom grado se prestou a soffrer os incommodos de uma jornada, para observar as milagrosas virtudes destas aguas, e ensaialas na propria matriz.

Sendo então Corregedor daquella Comarca o Sñr. Manuel Ferreira Tavares Salvador, fez-se por esta occasião credor ao reconhecimento da Academia, offerecendo-se de boa vontade para alli coadjuvar nos com as suas luzes e authoridade.

Na classe das Sciencias exactas não são os annos tam abundantes: não porque o terreno das Mathematicas seja arido ou infecundo; mas pelos poucos que se dedicão á  
sua

sua cultura, por certo ardua e trabalhosa; pois raras vezes cabe na imperfeição humana a rigorosa exactidão nos trabalhos, a qual faz o timbre e a divisa destas sciencias. Comtudo alguns fructos recolhemos, que contentarão as nossas esperanças.

Merecemos a um nosso Consocio, assás respeitavel pelos seus talentos litterarios, tres Memorias sobre o desenvolvimento das funcções em series, onde se mostra o artificio analytico e destreza do Author em levar com simplicidade a um fim determinado infinidade de relações complicadas, de que so pode tirar vantagens uma escolha judiciousa. Como porém se não julgassem bem estabelecidos os principios em que se funda aquelle desenvolvimento, cumpre por agora não declarar o nome do Author, esperando a Academia que a resposta, que nos dirigiu em sua defesa, haja de satisfazer ás reflexões dos Censores.

O Sñr. Rodrigo Ferreira da Costa, continuando os seus trabalhos na formação de uns Elementos de Musica adaptados ao estudo da sua composição e execução, apresentou a 3.<sup>a</sup> Secção do Tractado da Harmonia que ha de fechar o 2.<sup>o</sup> tomo dos dictos Elementos, de que ja ficou impresso o 1.<sup>o</sup> no anno passado. Esta Secção, tendo por objecto a Harmonia Progressiva, e o Contraponto, fórma o vinculo de toda a materia da Musica, expendida desde o principio da mesma obra; pois ensina a ligar differentes cantos, formando na sua união um todo harmonico debaixo dos preceitos da harmonia simultanea, e da successiva, precedentemente expostos. No entender do Author nasce sempre a harmonia da combinação e equilibrio de dous principios contrarios, *unidade e variedade*. E com effeito, Senhores, não ha boa harmonia em musica sem a associação de cantos parciaes, mais ou menos ricos e adornados, marchando cada um por diversa direcção, e com presteza desigual, porém mantida sempre a unidade de tom e escala diatonica em todas as partes simultaneas. Assim tambem a harmonia do Universo,  
har-

harmonia deliciosa não ao ouvido, mas ao entendimento do Sabio, de cujas leis fôra Pythagoras o primeiro escrutador, resulta da combinação de dous principios contrarios, a *inercia*, e a *attracção* da materia; pois da composição destas forças da natureza physica provém a regularidade dos movimentos dos corpos celestes por orbitas diversas, e com differentes velocidades, effituados sem collisão ou conflicto, antes com admiravel concordia entre si.

Tem-se constituido cada vez mais benemerito da Academia, o nosso joven Correspondente, o Sñr. Antonio Diniz do Couto Valente, o qual sem levantar mão da enfadonha tarefa que tomára de calcular as *Ephemerides* para uso da Navegação Portugueza, apromptou logo em Janeiro passado as do anno de 1822, que ja se achão impressas.

Ultimamente seu digno Pai e nosso Consocio, o Sñr. Matheus Valente do Couto, offereceu-nos um *Tractado de Navegação*, a respeito do qual melhor vos informará logo elle mesmo com a exposição, que tereis o gosto de ouvir-lhe, ácerca deste bello trabalho.

Entremos agora, Senhores, na rica e formosa Provincia da Historia e da Litteratura, que constitue a terceira e ultima do vasto Imperio das Sciencias, em que gloriosamente discorremos.

O primeiro monumento, que encontramos neste anno na estrada que nos havemos proposto seguir, he uma Memoria historica e critica do Sñr. D. Francisco Alexandre Lobo, Bispo de Vizeu, ácerca de Fr. Luiz de Sousa, e de suas obras. Cabia á mesma penna, que tam dignamente se havia no anno antecedente occupado da vida e feitos do Principe dos Poetas Portuguezes, escrever do Biographo do Veneravel Arcebispo de Braga, que pela castidade de linguagem e flores do estilo merece a primazia de logar entre os nossos Escriutores em prosa. Não instrue menos a vida privada e publica do homem douto, do que os seus pro-

\*\*

prios

prios escriptos: e com razão dizia o celebre Chancellor Bacon na sua admiravel obra sobre a dignidade e augmento das Sciencias, que a historia do mundo sem a historia dos Sabios, he a estatua de Polyphemo, a quem se arrancára o unico olho.

A nossa litteratura, que muito deve á erudição e talentos do nosso Consocio o Sñr. Fr. Francisco de S. Luiz, foi ainda enriquecida por elle com a continuação do seu *Ensaio dos Synonymos Portuguezes*, que ja se fez publico pela imprensa. Postoque ácerca do merecimento deste trabalho nada tenha que acrescentar, ao que ja disse melhor penna, (a) comtudo não deixarei de admirar o zelo patriotico, com que nas poucas horas, que lhe sobravão da direcção dos negocios publicos preparando a grande obra, que ha de marcar as raias entre a Authoridade do Monarcha e os direitos dos Povos, folgava occupando-se em assignar tambem as raias entre os poderes dos vocabulos, para não usurparem uns o espirito e a força dos outros.

Uma das cousas porém, que no meu entender contribue em grande parte para se entrar no verdadeiro espirito das palavras e fixarem-se as idéas, he a orthographia ou recta escriptura, etymologica quanto seja compativel com a pronunciação, e uso dos doutos. Deixemos gritar embora esses genios exquisitos, que inimigos das etymologias por celebridade ou ignorancia, e como que envergonhados de mostrarem nos rostos as feições de seus maiores, querem que tudo se escreva do modo que pronunciação, descendo o sabio ao nivel do ignorante; como se o que possue riquezas, não deva fazer dellas conveniente uso, e até ostentálas, só porque os outros não sabem, ou não podem adquiririlas. Fundado pois naquelles principios, offereceu o Sñr. Rodrigo Ferreira da Costa as suas *Reflexões e Observações pré-*

---

(a) *Disc. Histor.* do anno de 1820 impresso no Tom. VII. das *Mem. da Acad. R. das Sc.* pag. xxii.

*prévias para a escolha do melhor systema de Orthographia portugueza*, que a Academia presou em muito, e mandou que se imprimão entre as suas Memorias; pois contém na verdade couzas de bastante utilidade, a que deve attender aquelle que pertender organizar o dicto systema.

O Sñr. Manuel José Pires sem afrouxar na empresa, que uma vez começára, de transplantar para chão portuguez as flores, que cultivára em Roma o Demosthenes Latino, leu-nos a traducção da 3.<sup>a</sup> Catiliñaria, que mereceu da Academia a acceitação e louvor, que lhe havião grangeado as precedentes; onde sem quebra de fidelidade para com o texto brilha o mesmo fogo e vehemencia, com que o Consul e Orador Romano expulsára da Cidade o conspirador atrevido, e aterrára dentro della os turbulentos conjurados.

Devemos tambem ao Sñr. Augustinho de Mendonça Falcão uma *Memoria historica sobre a Villa de Cêa*, que se julgou muito digna não so de ser lida nesta Sessão, como de ver a luz publica entre as Memorias Academicas.

Outro nosso Correspondente, o Sñr. Fr. Fortunato de S. Boaventura, além de uma curiosa *Memoria acerca do começo, progressos, e decadencia da litteratura grega em Portugal*, em que novamente nos deu provas da sua grande instrucção e litteratura, presenteou-nos ainda com o *Ensaio de um indice das palavras, adagios, dictos, sentenças, anexins, e pbrases, que a lingua portugueza tirou da grega, sem passarem pelo intermedio da latina.*

A Commissão nomeada pela Academia de entre os seus Socios para visitar o Estabelecimento da Casa Pia, e examinar o seu estado actual, apresentou por mão de um dos seus Membros, o Sñr. Joaquim José da Costa de Macedo, uma circunstanciada Memoria, apontando as reformas e melhoramentos que julgava necessários. Cumpre porém declarar, que deve a Academia a occasião de dar mais este testemunho do seu zelo pelo bem publico ao amor da patria e cuidados do Sñr. Philippe Ferreira de Araujo e Castro, en-

tão Intendente Geral da Policia; pois a convidou para este serviço em o seu Officio de 31 de Outubro passado, hora impresso com a dicta Memoria no Tomo VII. das nossas collecções.

Nomearei ainda esta vez o Sñr. Rodrigo Ferreira da Costa, para dizer-vos que nos leu parte do seu *Extracto da historia comparada dos systemas de Philosophia relativamente aos principios dos conhecimentos humanos, escripta por Degerando*; o qual muito nos agradou, e desejamos haja de continuar. Se as traducções, como dissemos, contribuem poderosamente para o augmento da instrucção publica, vulgarizando as producções da antiguidade e de paizes extranhos; os bons extractos, além de serem tambem muitas vezes traducções, tem ainda a vantagem de que colligindo o substancial e mais proveitoso de qualquer obra, ministrão o alimento ja apurado, que em menos tempo nutre o spirito, sem este se enfastiar ou arrefecer com a extensa leitura de volumosos tractados.

Para completar o Tomo V. dos *Ineditos de Historia portugueza*, remetteu o Sñr. Francisco Nunes Francklin o *Fo-ral de Beja*, dando-nos com isto novos signaes de quanto se interessa em auxiliar-nos com as suas indagações historicas.

Finalmente foi do mesmo Socio o ultimo trabalho, que houvemos nesta classe. Como conseguisse a permissão Regia de offerecer á Academia quaesquer obras suas, concernentes ao emprego de Chronista da Serenissima Casa de Bragança, em que acabava de ser provido; leu-nos a *Chronica do primeiro Duque, o Sñr. D. Affonso*, a qual me pareceu escripta com boa critica e em linguagem corrente.

Taes forão, Senhores, os trabalhos e Memorias apresentadas e lidas em as nossas Assembleas ordinarias: cumpre porém ainda commemorar varias obras impressas, com que alguns doutos concorrêrão a enriquecer a nossa Bibliotheca-

theca ; as quaes, postoque não fossem geradas no seio da Academia , ou por ella perfilhadas , demandão comtudo igualmente para com seus Authores nosso publico agradecimento.

Fez-se delle credor o Sñr. Antonio de Araujo Travassos , brindando-nos com um jogo de exemplares do seu *Ensaio sobre um novo methodo de ensinar a ler*.

Outro digno Socio , o Sñr. José Maria Dantas Pereira , obsequiou-nos com alguns opusculos , que publicára ácerca de differentes objectos maritimos.

Tivemos do Sñr. João Pedro Ribeiro uma Memoria impressa a respeito da Authoridade dos Assentos das Relações , e o extracto de outra Memoria sobre a tolerancia dos Judeos e Mouros em Portugal.

O Sñr. Joaquim José da Costa de Macedo presenteou-nos com um exemplar do seu *Projecto de Regimento para as Côrtes Portuguezas*, o qual me parece superior em muitas couzas aos de algumas Assembleas Legislativas.

O Sñr. Adriano Balbi remetteu-nos as suas *Tabuas Synopticas geographicas*, e um volume da sua *Geographia*; peloque mereceu ser contemplado com uma collecção das nossas *Memorias economicas*.

E finalmente tambem de fóra do Reino recebeu a Academia demonstrações de estima e consideração. Um digno Moço nosso compatriota, o Sñr. Luiz da Silva Mozinho de Albuquerque, enviou-nos de París um exemplar das suas *Georgicas Portuguezas*, que muito o acreditão, e nas quaes nos deu um Poema do genero didactico, de que são mui raros, ou talvez nenhuns entre nós, os que mereção este nome. Com effeito grande parte dos nossos Poetas *evaporão em composições avulsas*, para nos servirmos das mesmas expressões de um nosso erudito, (a) o seu entusiasmo muitas ve-

zes

---

(a) O Sr. Candido José Xavier. *Ann. das Sc., das Artes, e das Letr.* Tom. IX.

zes fecundo e digno de ser consagrado á utilidade da patria, ao adiantamento da litteratura nacional, e á sua propria gloria: e o que mais he para censurar em muitos, profanão frequentemente este sacro dom, prostituindo-o á lisonja dos Grandes, sem ao menos aquella animosa dignidade, com que Horacio, ao mesmo tempo que apresentava a Augusto o incenso que havia de lisonjealo, exaltava a coragem do celebre Catão, e aquella intrepida firmeza que nada pôde abalar.

Amante porém da sua patria, e convencido o Sñr. Mozinho, de que a linguagem dos Deuses so deve empregar-se em louvar os seus beneficios, entre os quaes havemos por um dos primeiros a arte de cultivar a terra, cantou em verso patrio os nossos trabalhos ruraes, mostrando que na lingua dos Lusíadas tambem tem emulo o Agronomo de Mantua.

Outro presente, que muito contentou a Academia, foram varias obras ácerca de algumas inscrições sepulchraes, e de medalhas arabicas, com que seu Author e insigne Orientalista, o Sñr. Christiano Martinho Fraehn, Socio da Academia Real das Sciencias de Petersburgo, e Bibliothecario do Imperador da Russia, procurou, como elle mesmo confessa na obsequiosa carta que nos escreveu, dar-nos testemunho da distincta veneração, que nelle excitárão para com esta Academia as Memorias de Litteratura Portugeza, e os vestigios e documentos arabicos do Sñr. Fr. João de Sousa: testemunho na verdade múi lisonjeiro para a Academia, como da estimação e apreço, em que são tidos nossos escriptos e trabalhos pelos doutos das nações estrangeiras, ordinariamente mais justos e sinceros, do que os proprios naturaes.

Além da Bibliotheca, tambem se augmentou muito neste anno o nosso Museu na parte ichthyologica, assim pelo numero dos productos, como pela delicadeza e perfeição com que são preparados.

E finalmente foi enriquecido com varias medalhas anti-

tigas de prata e de cobre, dadiva do nosso digno Vice-Presidente, o Excellentissimo Sñr. Marquez de Borba.

Resta porém, Senhores, para não ser tachado de omisso na conta dos acontecimentos mais notaveis occorridos no decurso deste anno academico, mencionar tambem as duas Sessões extraordinarias de 21 de Outubro, e de 29 de Março passados, que se convocárão em observancia de Ordens superiores.

Leu-se na primeira o Relatorio da Commissão da Academia, nomeada para dar o seu parecer á Juncta Preparatoria das Côrtes ácerca do melhor methodo de convocalas: e se prestou nessa mesma Sessão juramento de obediencia ao Governo Provisorio então estabelecido, ás Côrtes, e á Constituição que ellas houvessem de fazer, mantida a Religião Catholica Romana, e a Dynastia da Serenissima Casa de Bragança.

Na segunda Sessão forão lidas e juradas as Bases da Constituição Política da Monarchia, que as Côrtes Geraes extraordinarias e Constituintes da Nação Portugueza têm reconhecido, e Decretão e Mandão, que provisoriamente se guardem como Constituição.

Nunca forão por certo as nossas Sessões particulares tão luzidas como então, nem a sua materia tão nova e sublime. Ouviu-se alli pela primeira vez falar a Philosophia do seu Throno ácerca dos direitos individuaes do homem, e do cidadão; e a estas suas palavras *A livre communicação dos pensamentos he um dos mais preciosos direitos do homem*, confesso-vos, Senhores, que se me figurou ver os mesmos livros, que ornão a Sala das nossas Sessões, como animados do spirito dos seus Authores, afastarem-se entre si, preparando lugar para receber o Livro sagrado da *Constituição Política da Monarchia*, esse Codigo generoso, que ha de vir acompanhado de dignos filhos da judiciousa liberdade da imprensa, nelle promettida e assegurada. Oh! Praza a Deus Omni-

potente, Legislador do Universo, que vejamos concluida tam grande obra, a Arca da Alliança entre o Monarcha e o cidadão, e contra a qual nem possa o tempo, nem ouse tocar impune a mão do homem perverso! Então invejosos da nossa fortuna dirão os Povos do Mundo com o Poeta (a)

*Vivite felices, quibus est fortuna peracta  
Iam sua: . . . . .*

Chamado agora por triste mas forçoso dever, a que bem quizera esquivar-me, cumpre-me referir-vos, que além dos illustres companheiros, que perdémos, os Senhores Sebastião Francisco de Mendo Trigozo, e Constantino Botelho de Lacerda Lobo, tambem nos roubou a morte outras pedras não menos preciosas, que esmaltavão a coroa academica. Deixarão para sempre o horizonte da vida em que brilhavão, os Senhores Adrião dos Sanctos, *Socio Veterano*; Francisco de Mello da Cunha e Menezes, *Marquez de Olhão e Socio Honorario*; João Faustino, *Effectivo na Classe das Sciencias Exactas*; e José Banks, *Socio estrangeiro, e Presidente da Sociedade Real de Londres*. Perdémos tambem entre os *Correspondentes* os Senhores Luiz Dias Pereira, e João Manoel de Campos e Mesquita. Benemeritos todos da Patria a quem servirão, não merecêrão menos da Academia, e particularmente o Sñr. Trigozo. Director por algum tempo da Classe das Sciencias Naturaes, Membro da Commissão da Reforma dos pesos e medidas do Reino, Vice-Secretario da Academia em quasi tres triennios successivos, e ultimamente Secretario pela ausencia do Sñr. José Bonifacio de Andrada, vós o encontrastes sempre na estrada real dos seus deveres, assiduo e zeloso pela gloria da Academia. Ah! E pois que me não he possivel tecer a cada um delles mais amplo elogio, possão pelo menos espalhadas sobre seus jazigos ser-

lhes

---

(a) Virgil. En. Lib. III. vers. 493.

lhes gratas estas poucas flores, que as lagrymas da amizade e do reconhecimento conservão sempre frescas e viçosas! E comtudo não lhes faltará monumento, pois durão e durarão seus nomes nos Fastos academicos com maior saudade nossa e da Patria, do que os daquelles, que em marmores de Paros, ou bronzes de Corintho fez abrir a vaidade dos nétos, ou a lisonja dos escravos.

Tenho sido, Senhores, talvez um tanto longo; mas serei desculpado, se attenderdes, a que não são poucos os fructos, que tinha de apresentar-vos, colhidos pela Academia no decurso do anno, que hoje termina; sendo as suas Sessões frequentadas e sempre animadas do spirito da harmonia e do sancto amor das Sciencias. Se não concorrêrão Memorias aos premios academicos, como em outros annos, procede provavelmente, de que a nova ordem de couzas, sendo de maior importancia, tem attrahido e fixado a attenção dos Litteratos sobre as sciencias do Governo, da politica, e da economia. Entretanto estareis convencidos de que não havemos parado, antes progredido gloriosamente na carreira bem que ardua e trabalhosa das sciencias e das artes, que nos abrirão e frequentarão illustres predecessores. O seu exemplo e o nosso procedimento, despertando em peitos generosos a nobre resolução de nos acompanharem na empresa de extender o Imperio das Sciencias, convidarão a alistar-se neste anno debaixo das bandeiras da Academia em o numero dos *Correspondentes*, os Senhores Marquez de Ponte de Lima, Augustinho de Mendonça Falcão, Antonio Lobo de Barbosa Ferreira Teixeira Gyrão, e Friderico Luiz Guilherme Varnhagen. E foi nomeado *Socio estrangeiro* o Sñr. Christiano Martinho Fraehn.

Com tam briosos Companheiros crescerá a gloria da Academia, trabalhando pelo augmento da instrucção publica, primeira fonte da felicidade nacional; pois são as Sciencias e as Artes os verdadeiros signaes da liberdade e pros-

\*\*\*

pe-

peridade dos povos, assim como a ignorancia, da sua escravidão e miseria. E a quem, Senhores, devemos aquellas, senão ás Sociedades litterarias, estas Companhias de Sabios activos e laboriosos? A epocha dos progressos do espirito humano data do estabelecimento dellas; e esta verdade he confirmada pela historia de todos os povos, e pela nossa. Ninguem ignora que os dias de esplendor da Grecia rebentárão do seio do Portico e do Lyceo; e que o nome portuguez saiu a assombrar o mundo do centro da pequena Academia de Sagres.

Eia pois, illustres Academicos, o Palacio das Sciencias ainda está por acabar; e muitas das suas obras esperão a voz do genio. Comtudo não ha difficuldades, que não vença o amor das sciencias e o zelo do bem publico: e nada pode empecer-nos ao abrigo do Throno de um Monarcha justo e liberal, que ao titulo de Rei se gloriou de ajunctar o de Protector da Academia: *porque proteger sabios*, segundo um nosso historiador, *(a) he atinar com o melhor modo de conservar Reinos*. Continuemos pois na gloriosa carreira, em que tanto ja havemos ganhado, ensinando ao mesmo tempo á mocidade com a applicação ao estudo, o que os moços Lacedemonios aprendião de seus Mestres, *o respeito ás leis e o amor á virtude*. E porém não queremos outra recompensa mais, do que a estima dos nossos Compatriotas, e a veneração das nações estrangeiras. Se algumas ha, que injustamente nos tem julgado barbaros, leião os nossos escriptos, e a historia dos nossos dias; e dirão do Solo Portuguez, o que disse o philosopho Aristippo, quando naufragando sobre as praias de Rhodes, viu traçadas na arêa algumas figuras geometricas: *Aqui habitão homens*.

Disse.

---

(a) Candido Lusitano. Vida do Inf. D. Henrique.

---

## DISCURSO

*Recitado no Paço de Queluz perante ElRei o Senhor D. João VI,  
em 9 de Julho de 1821, por occasião do seu feliz regres-  
so ao Reino de Portugal*

PELO VICE-SECRETARIO

FRANCISCO VILLELA BARBOSA.

---

## SENHOR

**N**UNCA esperei dever tanto á fortuna, que lhe merecesse reservar para o tempo do meu ministerio no emprego de Vice-Secretario da Academia Real das Sciencias a honra de ser o orgão della, representada hoje por estes seus dignos Socios, a fim de felicitar a V. Majestade pelo fausto motivo de se ver restituído ao Berço e Sede da Monarchia Portugueza. Fiel interprete dos sentimentos da Academia, posso affirmar a V. Majestade, e digne-se V. Majestade de acreditar-me, que penetrada do mais profundo respeito ella vem apresentar-se ante o seu Real Throno, transportada ao mesmo tempo de jubilo por ver satisfeitos os votos, que no decurso de quasi tres lustros de ausencia de V. Majestade, não cessou de dirigir frequentemente ao Ceo, acompanhados de fervorosas supplicas, para que lhe concedesse este dia, tam suspirado por todos os bons Portuguezes. E de quanto não são elles hoje devedores a V. Majestade? Não oferecem os Annaes da historia documento de maior e mais heroico sacrificio, qual o que V. Majestade acaba de fazer tam facilmente pela felicidade dos Povos.

E na verdade, Senhor, que riscos e trabalhos, confian-  
do

\*

G.

REP/3659

CAIKA

C821  
B238p  
1-SIZE

